



Fábio Solferini, presidente do Standard Bank: operação no Brasil é estratégica para o grupo

Líder em emissões reforça aposta no País

O sul-africano Standard Bank quer ampliar operações com grandes empresas

SÉRGIO LAMUCCI

O grupo sul-africano Standard Bank reforça sua aposta no Brasil, num momento em que vários bancos estrangeiros deixam o País. A instituição já liderou a emissão de US\$ 1,363 bilhão de títulos de empresas e bancos brasileiros no exterior em 2003, através do Standard Bank London, ocupando o primeiro lugar no ranking das captações por meio de bônus. E foi neste ano que o grupo iniciou suas atividades como banco de investimentos no País – de 1998 até o ano passado, funcionava aqui um escritório de representação. A partir de agora, o Standard pretende ampliar sua atuação com grandes empresas, principalmente com operações de tesouraria.

O banco tem chamado a atenção por estar à frente de um número significativo de emissões de bônus, liderando operações para instituições como Bradesco, Itaú, Unibanco e CSN. No momento, está em curso uma emissão de títulos de 24 meses para o Itaú BBA, com oferta de US\$ 50 milhões. Além disso, o banco também coordena uma operação de pré-pagamento de exportações para a Sadia, de quatro anos, no valor de US\$ 100 milhões.

O presidente do Standard no País, Fábio Solferini, diz que o Brasil tem importância estratégica para o grupo, que concentra

sua expansão internacional em mercados emergentes. O Standard é o maior conglomerado financeiro da África do Sul, contando com US\$ 42 bilhões de ativos. Para continuar a crescer, tornou-se necessário investir em outros mercados, e a decisão foi apostar nos emergentes, por meio do Standard Bank London. O banco atua hoje em 25 países desse segmento, com bancos em quatro deles – Brasil, Rússia, China e Turquia. “Como o Brasil é um dos grandes mercados entre os emergentes, é importante ter atuação significativa por aqui.” Empresas grandes e sofisticadas e um mercado financeiro maduro e com es-

cala são atrativos do País. O Standard segue o caminho inverso trilhado por vários instituições estrangeiras. O espanhol BBV, por exemplo, foi vendido para o Bradesco no começo do ano, e o inglês Lloyds TSB está à venda.

Segundo Solferini o conhecimento do mercado de emergentes é um dos trunfos do banco para atuar na emissão de eurobônus. Além disso, o Standard tem feito propostas agressivas pelas operações, beneficiando-se ainda do fato de que há menos instituições atuando nesse segmento. Um outro diferencial é que o banco financia a compra dos eurobônus, emprestando parte dos recursos para quem adquire os títulos, diz ele.

Esses fatores ajudam a expli-

car por que o Standard já liderou a emissão de US\$ 1,363 bilhão de papéis, 17,98% dos US\$ 7,584 bilhões dos eurobônus brasileiros emitidos neste ano. Em 2002, quando o mercado internacional se fechou ao País no segundo semestre, o Standard liderou a captação de US\$ 100 milhões em títulos.

Como banco de investimentos, o Standard poderá fazer operações vedadas a um escritório de representação. Antes, a instituição podia liderar uma captação externa para uma empresa ou um banco, mas não tinha permissão para fazer a proteção cambial (hedge) para o emissor dos papéis. Esse tipo de restrição não existe mais.

O Standard também poderá oferecer atividades de tesouraria para grandes empresas. O escritório de representação tem autoriza-

Como o Brasil é um dos grandes mercados entre os emergentes, é importante ter atuação significativa no País

Fábio Solferini, presidente do Standard Bank no Brasil

ção apenas para usar recursos próprios. O objetivo, segundo Solferini, é operar com 40 grandes companhias, fazendo operações sofisticadas, como de proteção cambial e opções.

O banco também atua em financiamento de projetos, comércio exterior e finanças corporativas. Neste ano, Solferini acredita que o grupo terá um lucro de US\$ 20 milhões no Brasil, ante US\$ 4 milhões do ano passado.